

# A Educação Especial na História: dos primórdios até a Idade Média

AULA

1

## Meta da aula

Apresentar como se dava o convívio com as pessoas deficientes em vários momentos da História.

## objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a evolução histórica da educação das pessoas deficientes;
2. identificar as diferentes formas de convivência com o deficiente.

## INTRODUÇÃO

Para entender a Educação Especial (EE), é necessário conhecer um pouco como se deu o convívio com as pessoas com necessidades especiais através dos tempos, uma vez que se entende EE como uma forma de ensino que vai garantir a educação formal aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Sabemos que muitas pessoas nascem com algum tipo de deficiência, e outras, por diferentes motivos, tornam-se deficientes ao longo de suas vidas. Dentre as deficiências mais conhecidas, temos a deficiência mental, a deficiência física, as deficiências sensoriais – cegueira e surdez –, as deficiências múltiplas, entre outras.

Delinear a evolução dos conceitos relacionados à educação dos deficientes e conhecer as diferentes maneiras de convivência entre as pessoas em cada época é entender que a visão sobre deficiência é social e historicamente construída. Em cada momento, ao longo dos séculos, aquele que tem alguma necessidade especial foi visto de uma determinada forma. Isso porque, de acordo com a cultura em que vivemos, com as informações de que dispomos, com nossas crenças e convicções, de acordo também com nossa religiosidade e com o nosso entendimento sobre a deficiência, explicamos, agimos e, principalmente, justificamos nosso comportamento frente às pessoas consideradas, por algum motivo, diferentes.

Tente lembrar se você assistiu a filmes ou leu livros que mostravam o tratamento dispensado a pessoas que tinham algum tipo de deficiência.

A discriminação e o preconceito estiveram sempre presentes no convívio das pessoas com deficiência. Vários autores mostram, em suas obras, diversas formas de tratamento que cada época dispensou àqueles que eram deficientes.

### ANTIGUIDADE

O marco inicial da Antiguidade é o nascimento da escrita 4000 a.C. A Antiguidade inclui a Era Cristã, iniciada no ano 1 d.C. (TONELLO, 2001).



**LUCIUS ANNAEUS SÊNECA**

Filósofo e poeta, nasceu em 4 a.C. e morreu em 65 d.C. (SILVA, 1987).

## OS DEFICIENTES NA ANTIGUIDADE

Os romanos, na **ANTIGUIDADE**, no início da Era Cristã, segundo **SÊNECA**, citado por Moisés (1977, p. 14), estabeleciam as seguintes práticas:

Nós matamos os cães danados, os touros ferozes e indomáveis, degolamos as ovelhas doentes com medo que infectem o rebanho, asfixiamos os recém-nascidos mal constituídos, mesmo as crianças, se forem débeis ou anormais, nós a afogamos: não se trata de ódio, mas da razão que nos convida a separar das partes sãs aquelas que podem corrompê-las (Sobre a Ira, I).

A despeito disso, estudos mostram que Roma deixou um grande legado em vários campos, principalmente quanto às leis, aos avanços praticados na Medicina, aos progressos em termos de saúde pública, como por exemplo a farta quantidade de água potável, as latrinas públicas, a rede de esgoto, que garantiram a prevenção de muitas deficiências ou males que poderiam ser incapacitantes (SILVA, 1987).

As leis romanas, àquela época, proibiam a morte intencional de crianças com menos de três anos de idade, exceto no caso de a criança ter nascido com alguma mutilação ou ser considerada monstruosa. Para casos como esses, a lei previa a morte ao nascer (SILVA, 1987).

No entanto, nem todas as crianças deficientes foram mortas. Muitas que nasceram com má-formação, doentes ou aquelas consideradas anormais eram abandonadas em cestas com flores às margens do rio Tibre. Escravos e pessoas pobres, que viviam de esmolas, ficavam à espera dessas crianças para criá-las e, mais tarde, utilizá-las como meio de exploração dos romanos, por meio de esmolas significativas.

Na Roma Antiga, a esmola chegou a ser um negócio muito rendoso, a tal ponto que houve épocas em que muitas crianças foram raptadas ainda muito pequenas para serem mutiladas e servirem como pedintes em templos, praças e ruas de Roma.

Já na Roma do tempo dos Césares, que foram séculos menos bárbaros, enquanto alguns deficientes mentais eram tratados como bobos, os outros muitas vezes eram usados para o trabalho em circos romanos, fazendo tarefas simples e às vezes humilhantes (SILVA, 1987).

Na Grécia Antiga, o culto ao corpo, à perfeição e aos ideais atléticos levavam os deficientes a serem sacrificados ou escondidos. Na República de Platão, estava registrado: “Quanto aos filhos de sujeito sem valor e aos que foram mal constituídos de nascença, as autoridades esconderão, como convém, num lugar secreto que não deve ser divulgado” (BRASIL. MEC, 1997).

Em Atenas, quando uma criança nascia, o pai celebrava com uma festa, e os costumes exigiam que ele, logo após o nascimento, tomasse a criança nos braços e a levantasse solenemente, para mostrá-la aos parentes e amigos e para iniciá-la no culto aos deuses. A festa terminava com um banquete familiar. Quando esta comemoração não acontecia, era sinal de que a criança não sobreviveria. Cabia ao pai o extermínio do próprio filho. Aquelas que escapavam a esses costumes eram abandonadas e sujeitas à própria sorte.

Em Esparta, as crianças com deficiências física ou mental eram consideradas subumanas e, por isso, abandonadas ou eliminadas. Antes do Cristianismo, havia um certo costume espartano de lançar as crianças defeituosas em um precipício.

Quando nascia um bebê em famílias importantes de Esparta, pelas leis da época, o pai era obrigado a levar a criança, ainda bem pequena, para que fosse apresentada e examinada por uma comissão oficial, formada por anciãos, que se reunia para conhecer o novo cidadão. Essa prática com as crianças acontecia em Esparta, por volta do século IV a.C.

O local onde ocorria a reunião era desconhecido, e os anciãos anotavam todos os dados que identificavam a criança. Se ela fosse forte e saudável, era devolvida aos pais para que ficassem com ela até por volta dos sete anos, quando o Estado tomava para si a tarefa de educá-la e transformá-la em um guerreiro.

Quando a criança parecia franzina e feia, esses mesmos anciãos ficavam com a criança e levavam-na a um lugar chamado *Apothetai*, que significava depósito. Tratava-se de um abismo, em uma cadeia de montanhas, próxima a Esparta, e lá a criança era lançada e acabava por encontrar a morte (SILVA, 1987).

Havia também, nessa época, divergências na forma de se tratar as pessoas com deficiências. Enquanto em alguns lugares elas eram mortas, em outros eram consideradas como “possuídas pelo demônio”, necessitando de purificação.



## ATIVIDADE

### Atende ao Objetivo 2

1. Para melhor identificar as diversas formas de convivência com o deficiente, realize a atividade a seguir.

Com base no conteúdo estudado até aqui, elabore duas listas. Na primeira, relacione os diferentes lugares que o texto destaca e, na segunda, na frente de cada lugar relacionado, descreva como o deficiente era tratado. Caso um mesmo lugar tenha sido mencionado em períodos diferentes, faça menção às datas usando apenas os anos ou séculos.

Dessa forma, construa suas listas sem olhar o texto.

Procure corrigir a atividade consultando o conteúdo apenas quando chegar ao final.

---



---



---



---



---



---

### RESPOSTA COMENTADA

No texto foram citados vários lugares e diferentes formas de conviver com as pessoas deficientes. Assim, sua resposta pode ser bastante ampla. O objetivo da atividade é mostrar que em uma mesma época, dependendo da cultura, das crenças, das informações disponíveis e também de outros fatores, cada lugar tinha formas muito particulares de se relacionar com o deficiente.

Como exemplo, podemos citar que, enquanto na Roma Antiga a esmola era um negócio rendoso, na Grécia Antiga, com o culto ao corpo e à perfeição, os deficientes eram escondidos.

Caso não tenha percebido, com sua resposta, os diferentes tratamentos atribuídos ao deficiente em lugares e épocas diferentes, seria aconselhável reler o texto e anotar o que está sendo pedido na atividade.

Os sentimentos em relação aos deficientes se tornaram, durante um longo tempo, muitas vezes ambivalentes, misturando piedade e rejeição, cuidados e abandono, perseguição e proteção. Para alguns, os deficientes possuíam alma, mas sem virtudes, demonstrando a grande dificuldade que as culturas da época tinham para entender as diferenças entre as pessoas e, principalmente, para lidar com elas.

No fim da Antiguidade, essa visão começa a mudar. Com o Cristianismo, o deficiente passou a ter alma e assim não podia ser eliminado, abandonado ou maltratado porque isso seria inaceitável à moral cristã. Agora eles eram filhos de Deus e seres humanos como todos os outros.

Dessa forma, os deficientes foram vistos durante toda a **IDADE MÉDIA**.

A **IDADE MÉDIA** é o período compreendido entre os anos de 476 (tomada de Constantinopla) e 1453 (queda do Império Romano no Oriente) (TONELLO, 2001).

## OS DEFICIENTES NA IDADE MÉDIA

Durante este período, o mundo europeu viu decrescer muito os cuidados básicos com a saúde e com a higiene na maioria das cidades, um pouco em função do constante crescimento urbano. As populações dessas áreas, sem infraestrutura e sem recurso para a saúde, viveram por muitos séculos o receio das epidemias e **DOENÇAS MAIS SÉRIAS**.

Devido à ignorância, todas as doenças mais graves – as incapacidades físicas e as má-formações congênitas – eram consideradas sinais da ira celeste ou castigo de Deus.

As **DOENÇAS MAIS SÉRIAS** – hanseníase, peste bubônica, difteria, influenza – devastaram a Europa e, durante vários séculos da Idade Média, deixaram para os sobreviventes grandes sequelas (SILVA, 1997; TONELLO, 2001).



Não há, na literatura sobre a Educação Especial, um encadeamento cronológico que pontue as conquistas alcançadas no convívio, nas posturas, nas formas de atendimento e na escolarização das pessoas com deficiência.

A crença em magias e feitiços e o fato de se atribuírem a existência de doenças e deformidades físicas à ira de Deus ou à presença do demônio tornaram a benzedura e os ritos misteriosos de exorcismo uma prática constante na vida das camadas mais pobres da população. Isso tudo, acrescido da utilização de medicamentos de produtos naturais, favorecia o misticismo que cercava as deficiências.

Nesse ambiente, sem qualquer garantia de meios para sobreviver, o deficiente físico ou sensorial passou a viver à margem da sociedade e com recursos das esmolas que recebia.

O autor **ISAIAS PESSOTTI** (1984) nos ajuda com outras informações sobre a evolução histórica da EE. Para o autor, a primeira instituição para abrigar deficientes mentais de que se tem notícia surgiu na Bélgica, no século XIII, e tratava-se de uma colônia agrícola. Até então, eles eram acolhidos em igrejas ou conventos, onde ganhavam a sobrevivência em troca de pequenos favores à instituição.

**ISAIAS PESSOTTI** é autor do livro *Deficiência mental: da superstição à ciência*. O livro traz a descrição cronológica das principais idéias e personagens que geraram teorias na deficiência mental.

A marca definitiva da atitude medieval diante da deficiência mental é a ambivalência caridade-castigo.

Por volta de 1300, apareceu a primeira legislação sobre os cuidados a serem tomados com a sobrevivência e principalmente com os bens dos deficientes mentais, a *De Praerogativa regis*, baixada por Eduardo II da Inglaterra. A lei de 1325 era mais uma espécie de guia para proteger os direitos e as propriedades daqueles considerados “idiotas” (PESSOTTI, 1984). Com esta lei, o rei zelaria para que fossem satisfeitas as necessidades do deficiente, apropriando-se de todos os bens deste e utilizando somente uma parte para custear as despesas e os cuidados necessários (PESSOTTI, 1984).

Com essa visão, o deficiente merecia sobreviver e ter condições confortáveis de vida porque tinha alma e bens ou direitos à herança.

É interessante observar que até esta época não havia qualquer distinção entre aqueles que eram considerados loucos e os deficientes mentais.

Em 1300, na cidade de Florença, havia 30 hospitais gerais e uma verdadeira rede de assistência a doentes e deficientes pobres com capacidade para 1.000 vagas (PESSOTTI, 1984).

A Lei de Eduardo II distingue, pela primeira vez, juridicamente, o deficiente mental do doente mental.

A cristandade do deficiente mental foi, também, uma questão importante na Idade Média. O Cristianismo deu novos valores éticos às pessoas, estabelecendo uma certa tolerância, uma conduta caritativa e, até mesmo, cautelosa para com o deficiente, em nome do amor ao próximo (PESSOTTI, 1984).

Há ainda atitudes ambivalentes com relação aos deficientes – a caridade e o castigo estão presentes. Ao mesmo tempo que o deficiente

ganhou abrigo, alimento e proteção, ele passou a merecer castigo quando incorria em condutas imorais. Muitos chegavam a admitir que o deficiente era possuído pelo demônio, o que permitia o exorcismo com flagelação para expulsá-lo.

Com a ética cristã, o deficiente não podia mais ser assassinado. Ele tinha que ser mantido e cuidado. Assim, a rejeição da Antigüidade se transformou, na Idade Média, na ambigüidade proteção-segregação, graças ao Cristianismo.

#### TEOLÓGICO

Que diz respeito à Teologia, ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens, e à verdade religiosa (FERREIRA, 2004).

Em nível **TEOLÓGICO**, esta conduta significou o dilema entre a caridade e o castigo que é a marca da atitude medieval diante da deficiência mental. A solução que parte do clero deu a esse problema foi atenuar o castigo, transformando-o em confinamento, pois, mesmo que esse procedimento gerasse desconforto e promiscuidade, atendia aos requisitos cristãos da época. Assim, segregar significava fazer caridade, pois garantia o teto e a alimentação do deficiente.

Pessotti (1984), fazendo uma crítica a esta postura, ressalta que, enquanto o teto protegia o cristão, as paredes escondiam e isolavam o incômodo ou o inútil.

Para os demais membros do clero, o castigo era considerado caridade na medida em que salvava a alma do demônio e livrava a sociedade das condutas antissociais e inconvenientes dos deficientes.

A falta de condições mínimas de higiene na Antigüidade, e depois na Idade Média, favoreceu muito o nascimento de crianças com deformidades, assim como a aquisição e a transmissão de doenças que acabavam por provocar diferentes tipos de deficiência.

## CONCLUSÃO

Através dos tempos, o convívio com as pessoas com necessidades especiais foi regido por diferentes sentimentos e atitudes. Extermínio, humilhação, exploração, abandono, perseguição e até proteção e cuidado marcaram os diferentes períodos. A discriminação e o preconceito estiveram sempre presentes em todos os momentos da História.

## ATIVIDADES FINAIS

Para reconhecer a evolução histórica da educação das pessoas deficientes responda de forma clara às seguintes perguntas:

1. Por que, em cada época da História, se tem uma visão diferente sobre as pessoas com necessidades especiais?

---

---

---

---

2. Quais são as duas principais formas de agir adotadas no convívio com as pessoas com deficiência?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. A celebração feita no nascimento de uma criança, em Atenas, ocorria em função dos costumes e das expectativas quanto ao futuro do filho. Contextualize esses costumes em relação a uma criança deficiente.

---

---

---

---

4. Com o Cristianismo, qual a mudança que ocorre no convívio com o deficiente?

---

---

---

---

5. Por que a deficiência foi durante muito tempo relacionada a práticas de magia e exorcismo?

---

---

---

---

---

6. Com a ética cristã, instalou-se uma ambivalência de sentimentos e atitudes para com as pessoas com deficiência. Explique esse fenômeno e cite suas consequências práticas.

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTAS COMENTADAS**

Considere suas respostas corretas se elas contemplaram os principais pontos destacados a seguir:

1. Você leu na aula que de acordo com a cultura de cada época, com as informações disponíveis em cada momento, de acordo também com as crenças e convicções existentes, com a religiosidade e, até mesmo de acordo com o nosso próprio entendimento sobre a deficiência, explicamos, agimos e justificamos nosso comportamento frente às pessoas consideradas diferentes.

2. O preconceito e a discriminação são considerados as principais formas de agir com as pessoas deficientes. A discriminação pode ser observada durante todo o tempo de convívio entre as pessoas que têm algum tipo de comprometimento ou mesmo que têm uma aparência diferente das demais. O fato de se manter o deficiente separado dos demais desde a Antiguidade e a eles dispensar um tratamento desumano, com diferentes tipos de perseguição, de rejeição e de abandono em diferentes momentos da História, são exemplos clássicos de discriminação.

3. Quando nascia uma criança e não havia nenhum tipo de comemoração, como exigiam os costumes da época, era sinal de que o bebê tinha algum tipo de deficiência ou deformidade e, portanto, não sobreviveria. Cabia aos pais o extermínio do próprio filho.

4. Com o Cristianismo, o deficiente passou a ter alma e, nessa condição, não podia ser eliminado, abandonado ou maltratado porque essa atitude seria inaceitável à moral cristã. A partir daquele momento, os deficientes tornaram-se filhos de Deus e seres humanos como todos os outros.

5. A crença em magias e feitiços e o fato de se atribuírem as doenças e as deformidades físicas à ira de Deus ou presença do demônio tornaram a benzedura e os ritos misteriosos de exorcismo uma prática constante na vida das camadas mais pobres da população. Isso tudo, acrescido da utilização de medicamentos de produtos naturais, favorecia o misticismo que cercava as deficiências.

6. O Cristianismo deu novos valores éticos às pessoas, estabelecendo uma certa tolerância, uma conduta caritativa e, até mesmo, cautelosa para com o deficiente, em nome do amor ao próximo.

A partir do que você leu na aula, procure desenvolver um pouco mais esse tema.

## RESUMO

A história do convívio com as pessoas com necessidades especiais, da Antiguidade até a Idade Média, mostra que o extermínio, a discriminação e o preconceito marcaram profundamente a vida dessas pessoas que, quando sobreviviam, não lhes restava outra alternativa senão a vida à margem da sociedade. Mesmo que isso acontecesse sob o véu do abrigo e da caridade, a exclusão era o caminho naturalmente praticado naquela época.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você continuará estudando a Educação Especial na História. Desta vez, iremos até o século XX.

